
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

MATHEUS PINTO DA SILVA

**FEIRA CORUJÃO E AGRICULTURA
FAMILIAR: PERSPECTIVAS DE
CONSUMIDORES E PRODUTORES**



Rio Claro
2019

MATHEUS PINTO DA SILVA

FEIRA CORUJÃO E AGRICULTURA FAMILIAR: PERSPECTIVAS DE
CONSUMIDORES E PRODUTORES

Orientadora: PROF^a. DR^a. BERNADETE BENETTI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas.

Rio Claro
2019

S586f Silva, Matheus Pinto da
Feira Corujão e Agricultura Familiar: Perspectivas de Consumidores e Produtores / Matheus Pinto da Silva. -- Rio Claro, 2019
39 p. : fotos + 1 CD-ROM

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientadora: Bernadete Benetti

1. Agricultura familiar. 2. Feiras livres. 3.

Desenvolvimento sustentável. I. Título.
Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe, pois sem o apoio dela não teria nem entrado em uma faculdade, e meus tios, que me ajudaram a me manter na instituição. Agradeço também a minha orientadora Bernadete Benetti, cuja paciência, compreensão e trabalho duro foram fundamentais para a realização deste estudo, uma experiência da qual tenho muito apreço. Igualmente importante em todo o processo foi minha namorada Yasmin, que foi sempre uma janela aberta nos momentos de desânimo. Agradeço ainda a todos os amigos que fizeram parte da minha caminhada no meio universitário, dos quais não citarei apenas alguns nomes, pois todos residem no meu coração e mais importante, sei a fundo a importância dessas pessoas na minha vida.

RESUMO

A agricultura familiar tem tomado força na última década como movimento rural e tem se mostrado de suma importância para a economia brasileira, sendo responsável por cerca de um terço do PIB gerado pelo agronegócio nacional. Além disso, a possibilidade da obtenção de alimentos diretamente do produtor, muitas vezes livres de insumos químicos e agrotóxicos, apetece o consumidor que cada vez mais opta pelas feiras municipais de alimentos. Em Rio Claro, a Feira do Produtor Rural, ou “Feira Corujão”, organizada pela prefeitura por intermédio da Secretaria Municipal de Agricultura, Abastecimento, Silvicultura e Manutenção, atrai diversos produtores e consumidores da região. O presente trabalho teve por objetivo compreender a importância da Feira dos Produtores Rurais da cidade de Rio Claro, analisando seu impacto socioambiental para a comunidade que a frequenta, bem como sua relevância para a agricultura familiar sustentável.

Participaram do estudo consumidores, frequentadores da Feira Corujão, em Rio Claro, São Paulo. Foram aplicados questionários para os frequentadores da feira, e uma entrevista semiestruturada com um ex-integrante da administração municipal que participou ativamente no processo de criação e desenvolvimento da Feira Corujão.

A análise dos dados mostrou que os participantes reconhecem a importância da feira livre em sua atual conformação, tanto como local de compra e venda de alimentos frescos produzidos por agricultores locais, como de interação entre os produtores e os consumidores, enriquecendo cultural, social e economicamente o trabalho no campo e o cotidiano da cidade.

Nesse sentido a feira Corujão atua como local de acesso a produtos da agricultura familiar, de escoamento de produção. Percebe-se, também, a importância de políticas públicas que incentivem a produção de pequenos produtores, valorizando trabalho do agricultor e favorecendo a agricultura familiar.

Palavras-chave: Desenvolvimento sustentável, Agricultura familiar, Feiras livres.

ABSTRACT

Family farming has taken strength over the past decade as a rural movement and has been of paramount importance to the Brazilian economy, accounting for about one third of the GDP generated by national agribusiness. In addition, the possibility of obtaining food directly from the producer, often free of chemical and pesticide inputs, appeals to consumers who are increasingly opting for municipal food fairs. In Rio Claro, the Rural Producer Fair, or “Feira Corujão”, organized by the city government through the Municipal Secretariat of Agriculture, Supply, Forestry and Maintenance, attracts several producers and consumers from the region. This paper aims to understand the importance of the Rural Producers Fair of Rio Claro, analyzing its social and environmental impact for the community that frequents it, as well as its relevance for sustainable family agriculture.

The participants of the study were consumers who attended the Corujão Fair in Rio Claro, São Paulo. Questionnaires were applied to the fair's attendees, and a semi-structured interview with a former member of the municipal administration who actively participated in the creation and development process of the Corujão Fair.

The analysis of the data showed that the participants recognize the importance of the free fair in its current conformation, both as a place of purchase and sale of fresh food produced by local farmers, as well as of interaction between producers and consumers, enriching culturally, socially and economically. the work in the countryside and the daily life of the city.

In this sense, the Corujão fair acts as a place of access to family farming products and production outlets. It is noticed the importance of support projects that encourage the production of small producers, valuing the farmer's work and favoring family farming.

Keywords: Family farming, Sustainable development, Free fairs.

SUMÁRIO

1.	Introdução	7
2.	Metodologia de Pesquisa	12
2.	Resultados e discussão	14
3.	Entendendo o processo de formação da Feira	28
4.	Considerações finais	31
5	Referências.	34
6.	Apêndice 1	36
7.	Apêndice 2	38

1. Introdução

O avanço tecnológico no setor agropecuário no século XX, principalmente após a segunda grande guerra, conhecido como Revolução Verde, trouxe consigo a invenção e disseminação de novas técnicas agrícolas que permitiram um aumento substancial da produção agrícola, inicialmente nos Estados Unidos e Europa e posteriormente em outros países. Tais inovações proporcionaram esse aumento produtivo por meio da utilização intensiva de insumos comerciais, mecanização da produção e eventual redução do custo do manejo.

A modernização da agricultura foi propagada no Brasil desde a metade do século XX com o intuito de aumentar a produção e a produtividade de culturas de interesse internacional mediante a inserção de inovações tecnológicas (MATOS; PESSOA, 2011).

São dois momentos históricos distintos no processo de modernização da agricultura. O primeiro refere-se ao aumento dos índices da tratorização e do consumo de fertilizantes de origem industrial. A utilização de forma ampla de bens, baseada na importação de bens de capital, modificou o padrão tecnológico da agricultura brasileira. Depois, a demanda de insumos e máquinas era satisfeita via importação. O segundo fenômeno refere-se à industrialização da produção agrícola com o surgimento, no final da década de 50, das indústrias de bens de produção e insumos. (DELGADO, 1985, p. 35).

Essa revolução agrônômica trouxe, além do aumento tecnológico agrícola, impactos que são cada vez mais evidentes no âmbito socioambiental, com modificações intensas na produção no campo e relação entre trabalho e capital. Embora tenha surgido com a promessa de acabar com a fome mundial, não se pode negar que essa revolução trouxe inúmeros impactos sociais e ambientais negativos (OTAVIANO, 2010).

O Brasil é exemplo de tais impactos, em que a melhoria econômica e tecnológica no campo acarretou uma onda de desemprego do trabalhador rural. As condições econômicas, sociais e políticas brasileiras indicam disparidade entre diferentes classes sociais que marginaliza diretamente as classes menos favorecidas, como os agricultores com baixo poder aquisitivo (GRAZIANO DA SILVA, 2000). A modernização da agricultura favoreceu, assim, a participação da parcela mais rica dos produtores agrícolas.

Assim, o aumento generalizado da pobreza no campo pode ser visto como resultado do processo de modernização, pois a expansão da grande propriedade com a mecanização e utilização de agroquímicos diminui a necessidade de mão-de-obra permanente, ao mesmo tempo em que os trabalhadores volantes (boias-frias) veem sua oferta de trabalho diminuir cada vez mais e acabam se sujeitando

a duros turnos no campo por diárias cada vez mais irrisórias
(AMSTALDEN, 1991, p. 132).

Tal situação econômica no campo resultou no crescente êxodo rural das áreas agrícolas de maior desenvolvimento, onde agricultores familiares que não possuíam renda suficiente para o manejo de suas plantações ou para o suprimento de um mercado incisivo na produção em massa, foram instigados a deixar o campo para buscar sua sobrevivência em áreas urbanas. O lucro deixou de chegar ao trabalhador rural e foi direcionado para a agroindústria, o trabalhador do campo então, endividado, viu-se forçado a deixar o campo e procurar subsistência nos grandes centros urbanos.

Assim, o processo de modernização forçou grande parte da força de trabalho rural a se favelizar nas periferias urbanas; contribuiu para aumentar o número de pobres rurais, elevando a níveis insuportáveis a violência, a destruição ambiental e a criminalidade (VEIGA, 2000).

Além dos impactos sociais e culturais, a Revolução Verde teve grande papel no agravamento dos impactos ambientais, principalmente devido a aplicação do padrão de monocultura na agronomia. Esses impactos contemplam a erosão do solo; o desmatamento de florestas e consequente queda na biodiversidade desses locais; a contaminação de lençóis freáticos, cursos d'água e até mesmo os próprios alimentos cultivados através dos insumos e agrotóxicos inorgânicos utilizados nessas plantações; e muitos outros.

Em decorrência dos enormes impactos sociais e ambientais, aos poucos foi-se instaurando uma crise socioambiental evidenciada atualmente na degradação de ambientes associados a essas monoculturas e a crescente falta de suporte aos trabalhadores do campo, que se reflete na interação da sociedade como um todo, cada vez mais propensa a adquirir produtos de base convencional (processados e conservados com insumos químicos até o eventual consumo) e se distanciando dos produtos de natureza orgânica, das relações naturais que ocorrem no campo e do contato com o produtor de seu alimento.

Por esses motivos, os questionamentos acerca de uma mudança no sistema agrônomo de âmbito mundial têm se fortalecido com o tempo. Esses questionamentos englobam uma alteração intrínseca na maneira como a agricultura é entendida atualmente, desde seu modo de produção em massa, que é justificado na ideia de suprir as demandas mundiais, até as relações de interação de sistemas agrários e o meio ambiente em que se inserem, podendo gerar assim, uma consciência social e ambiental e eventualmente a possibilidade de um desenvolvimento sustentável das comunidades.

O desenvolvimento como conceito segundo Denardi (2000) não se distinguia de crescimento econômico entre o final da Segunda Guerra Mundial e os anos sessenta. Apesar disso, as condições de vida de algumas parcelas das populações não pareciam melhorar, mesmo em países com altas taxas de crescimento. Esses fatos provocaram grande insatisfação com essa visão do desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico (DENARDI *et al.*, 2000).

A noção de desenvolvimento sustentável tem como uma de suas premissas fundamentais o reconhecimento da “insustentabilidade” ou inadequação econômica, social e ambiental do padrão de desenvolvimento das sociedades contemporâneas (SCHMITT, 1995). O modelo de desenvolvimento vigente, ainda que caminhe para uma melhoria, tem pouco espaço para a problematização e compreensão da finitude de recursos naturais e das injustiças sociais que provoca.

A compreensão de uma insustentabilidade dessas bases ambientais, econômicas, culturais e sociais é o ponto de partida para a concepção do termo “sustentabilidade” nas ciências sociais. A agricultura e a produção alimentar passam então a sofrer influências dessa crescente preocupação com o futuro do meio ambiente mundial. Segundo o Relatório Brundtland, apresentado em 1987, desenvolvimento sustentável significa: *aquele capaz de garantir as necessidades das gerações futuras*. De uma maneira geral, sabemos hoje que o termo tem um sentido mais complexo, em que se considera sustentável o desenvolvimento que consiga englobar alguns escopos das relações humanas, sendo viável social, ambiental, cultural e economicamente.

Segundo Sachs (1991), a sustentabilidade “constitui-se num conceito dinâmico, que leva em conta as necessidades crescentes das populações, num contexto internacional em constante expansão” e possui cinco dimensões básicas que são: social, cultural, ecológica, ambiental e econômica. Fica claro que o processo de transição para um sistema de produção agrícola voltado para a sustentabilidade estaria intimamente ligado a um processo de transição de uma sociedade voltada para a sustentabilidade, e deve ser abordado de maneira holística, englobando também as interações sociais dos sujeitos deste processo.

A Feira Corujão, feira livre localizada em Rio Claro - SP, que funciona semanalmente às terças e sextas-feiras, surge como possível palco dessas interações. A feira abriga comerciantes locais que em sua maioria praticam a agricultura familiar em propriedades da zona rural do município e região, abastecendo uma parcela da população rio-clarense com

produtos hortifrutigranjeiros frescos, além de estandes de produtos artesanais e barracas de alimentação, também geridos por trabalhadores locais.

A agricultura familiar, em associação com as devidas técnicas agroecológicas que respeitem o meio ambiente, tem grande potencialidade dentro dos conceitos de sustentabilidade como estratégia de apoio a esse desenvolvimento mais sustentável, que denotam seis principais dimensões que se relacionam: ecológica, econômica, social, cultural, política e ética.

Como exemplo, podemos afirmar que a agricultura familiar vem demonstrando maior vitalidade e capacidade para alcançar os seguintes aspectos: I) multifuncionalidade e policultivos; II) eficiência produtiva e eficiência energética e/ou ecológica; III) conservação dos recursos naturais não renováveis; IV) proteção da biodiversidade e sustentabilidade futura; V) manejo meticuloso e fino (especialmente dos solos); e VI) atividades artesanais de menor impacto ambiental e com maior relevância social. (COSTABEBER; CAPORAL, 2003, p. 169)

É importante observar que, de acordo com seus moldes, a agricultura familiar é um movimento gerador de mão-de-obra, tanto para produção como para comercialização, e propagador de práticas agrícolas ambientalmente amigáveis e menos invasivas. Isso em vista, o movimento da agricultura familiar se faz de extrema importância dentro do contexto de desenvolvimento sustentável, podendo abarcar suas características.

Parte do escopo da agricultura sustentável é promover a sustentabilidade de pequenos produtores familiares que, inseridos em um meio de produção agrônomo massivo e intensivo, como o que se deu a partir da Revolução Verde, têm pouca ou nenhuma chance de se manter financeiramente. A agricultura familiar é um contraponto da agricultura patronal, trazendo uma visão mais distributiva da renda e das interações socioculturais. Tem início então o movimento da agricultura familiar e dos circuitos curtos de comercialização, onde o foco é uma parcela da produção local de famílias do campo passar a ser destinada para a venda, partindo direto do campo para as mãos do consumidor.

A expressão “agricultura familiar” emergiu no contexto brasileiro a partir de meados da década de 1990 (SCHNEIDER, 2003, p. 99).

Diante dos desafios que o sindicalismo rural enfrentava nesta época – impactos da abertura comercial, falta de crédito agrícola e queda dos preços dos principais produtos agrícolas de exportação –, a incorporação e a afirmação da noção de agricultura

familiar mostrou-se capaz de oferecer guarida a um conjunto de categorias sociais, como, por exemplo, assentados, arrendatários, parceiros, integrados à agroindústrias, entre outros, que não mais podiam ser confortavelmente identificados com as noções de pequenos produtores ou, simplesmente, de trabalhadores rurais (SCHNEIDER, 2003, p. 99-100).

Segundo o site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a agricultura familiar absorve 40% da população economicamente ativa do Brasil, sendo responsável pela maior parte da produção de mandioca e feijão no país. Na pecuária, 60% do leite produzido vem de iniciativas familiares. O site oficial da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário indica que a agricultura familiar gera mais de 80% da ocupação no setor rural e responde no Brasil por sete de cada 10 empregos no campo e por cerca de 40% da produção agrícola. Atualmente a maior parte dos alimentos que abastecem a mesa dos brasileiros vem das pequenas propriedades, segundo o site da Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo. Portanto, a agricultura familiar é essencial quando se tem em mente a geração de empregos no campo e, uma iniciativa como a feira de produtos orgânicos como a Feira Corujão, é de inestimável importância para que essas iniciativas familiares tenham seu retorno tanto financeiro quanto social.

No início do século 21, cerca de um terço do PIB (Produto Interno Bruto) gerado pelo agronegócio nacional era provido pela agricultura familiar. É evidente a importância desse movimento para a economia do país, tendo em vista a movimentação de empregos e geração de renda que a prática pode gerar. Do ponto de vista do consumidor, produtos que chegam à mesa diretamente do produtor, muitas vezes sem a utilização de insumos químicos e agrotóxicos.

Do ponto de vista conceitual, o movimento é inspirado por (e tem também inspirado) um vasto conjunto de autores. Destaque-se, por exemplo, Kloppenburg (1996), que tem trabalhado o termo “Foodshed”, entendido como uma metáfora unificadora e organizadora que parte da premissa da unidade entre local e pessoas, natureza e sociedade, ou Lyson (2000, 2004), que propôs o conceito de “Civic Agriculture”, entendida como um sistema de produção agrícola e alimentar enraizado num local, baseado em recursos locais, servindo mercados e consumidores locais e empenhada na justiça social, sustentabilidade ecológica e relações sociais de apoio mútuo. O conceito mais abrangente que o enquadra é o de sistema alimentar local, que Feenstra (2002) definiu como “um esforço colaborativo para construir economias alimentares autossustentadas e mais baseadas no local, em que a produção, transformação, distribuição e consumo são integrados de forma a melhorar a economia, o ambiente e a saúde social de um lugar específico” (CRISTÓVÃO; TIBÉRIO, 2008, p. 3).

O devido auxílio a essas iniciativas familiares é de inestimável importância para a afirmação socioeconômica desses agricultores, bem como para o reconhecimento do movimento social implicado em torno dessas atividades. Geração de emprego e capacitação de indivíduos antes excluídos veementemente de um meio de produção voltado apenas ao lucro e ao capital são apenas alguns dos fatores benéficos que uma agricultura ecológica e socialmente consciente pode desencadear em uma dada comunidade.

Em síntese, como salienta Ostrom (2006), esse movimento vai contra o sistema organizado globalmente, em que os alimentos percorrem grandes distâncias, são controlados por gigantescas empresas transnacionais e estão “embrulhados” em problemas sociais, ambientais e nutricionais (CRISTÓVÃO; TIBÉRIO, 2008).

Tendo em vista as considerações apontadas anteriormente, buscamos neste estudo entender a importância da Feira Corujão, a partir de relatos de consumidores da feira, bem como indícios de sua contribuição para a agricultura familiar.

Dessa forma o estudo teve como objetivos:

- a) Apontar a compreensão dos consumidores da Feira Corujão em relação a terminologia Desenvolvimento Rural Sustentável.
- b) Entender a importância da Feira Corujão no município de Rio Claro a partir do processo de sua criação.
- c) Compreender a importância da Feira Corujão para os consumidores quanto a oferta de produtos hortifrutigranjeiros.

2. Metodologia de Pesquisa

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória, segundo os objetivos, e de levantamento, segundo os procedimentos de coleta de dados (GONSALVES, 2007).

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra por meio do trabalho extensivo de campo (LUDKE & ANDRÉ, 1986).

Quanto aos participantes do estudo:

- b) foram convidados a participar os consumidores que frequentam a feira, por meio de um questionário (Apêndice 1), visando entender a importância da feira no acesso a produtos hortifrutigranjeiros.
- c) Convidamos também um ex-integrante da Secretaria Municipal de Agricultura,

da cidade de Rio Claro, SP, a participar por meio de uma entrevista semiestruturada (Apêndice 2), com o intuito de melhor compreender o processo de criação da Feira Corujão.

Os produtores rurais também foram convidados a participar de uma entrevista semiestruturada, mas não foi possível realizá-la, pois não se disponibilizaram a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Isso evidencia certo receio por parte dos produtores em formalizar suas opiniões para a pesquisa em curso, temendo prejuízos ou represálias, mesmo sabendo que o estudo garante o anonimato e a confidencialidade das fontes.¹

2.1 – Quanto aos procedimentos de pesquisa

Segundo Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

O mesmo autor supracitado apresenta as seguintes vantagens do questionário sobre as demais técnicas de coleta de dados:

- a) Possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio.
- b) Implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores.
- c) Garante o anonimato das respostas.
- d) Permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente.
- e) Não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.

Um ponto de extremada relevância, entre os aspectos positivos, é, sem dúvida, o baixo custo do questionário, já que os seus utilizadores são públicos que já tem significativas despesas com os estudos e certamente não poderiam arcar com quantias elevadas para desenvolvimento de suas pesquisas. Neste aspecto financeiro, então, o questionário seria um democratizador da pesquisa (CHAER; DINIZ; RIBEIRO, 2012, p. 261).

A entrevista é um dos principais instrumentos usados nas pesquisas das ciências sociais, desempenhando papel importante nos estudos científicos (OLIVEIRA, 2008). Segundo Lüdke

¹ Embora tivéssemos previstos no projeto inicial a participação dos produtores familiares que participam da Feira Corujão e vendem suas safras às terças e sextas-feiras, infelizmente não foi possível entrevistá-los pois não concordaram em participar formalmente da entrevista semiestruturada. Alguns aceitaram conversar, mas na ausência de uma formalização do aceite, pelo TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) as informações obtidas por meio dessa conversa não foram consideradas neste estudo.

e André (1986, p. 34), a grande vantagem dessa técnica em relação às outras “é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

Na entrevista semiestruturada, há o momento das perguntas anteriormente determinadas, podendo ser as respostas relativamente livres. Caso haja a necessidade, o pesquisador pode acrescentar uma questão não prevista, dependendo das respostas dos respondentes (OLIVEIRA, 2008).

A entrevista semiestruturada permite não somente a realização de perguntas que são necessárias à pesquisa e não podem ser deixadas de lado, mas também a relativização dessas perguntas, dando liberdade ao entrevistado e a possibilidade de surgir novos questionamentos não previstos pelo pesquisador, o que poderá ocasionar uma melhor compreensão do objeto em questão. (OLIVEIRA, 2008, p. 12).

A coleta de dados com os consumidores, participantes da feira, ocorreu na Feira do Produtor Rural de Rio Claro, ou Feira Corujão, localizada na Rua 3-A nº 1155, no bairro Vila Alemã.

A entrevista com o ex-integrante da Secretaria Municipal de Agricultura foi gravada com a autorização prévia do entrevistado, sendo os dados coletados transcritos na íntegra e organizados para análise.

O presente projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-IB-UNESP), para apreciação quanto ao cumprimento da Resolução CNS 466/2012, sendo aprovado conforme pareceres 2.606.587 de 18/04/2018 e 3.147.613 de 14/02/2019. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

2. Resultados e discussão

Os questionários foram aplicados na Feira Corujão, localizada na Rua 3-A, Avenida M11, entre os meses de maio e junho de 2018. Participaram da pesquisa 20 pessoas, sendo 13 do sexo feminino e 7 do sexo masculino, com idades e níveis de escolaridade diversos.

Apresentamos a seguir algumas informações sobre a Feira Corujão.

A Feira Corujão

Em Rio Claro, interior de São Paulo, ocorre semanalmente nas terças e sextas feiras, das 18h às 21h. A feira promove o encurtamento das distâncias entre produção e consumo, trabalhando com a venda de produtos de origem agrícola e oferecendo uma grande variedade de

produtos como artesanatos e outros tipos de alimentos. A “Feira Corujão”, como é chamada, foi criada em 2012 em ação conjunta da Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Silvicultura com a Associação dos Produtores Familiares de Rio Claro (LUCIANO, 2017).



Foto 1: Fachada da Feira Corujão. Fonte: Matheus Pinto da Silva, 2019.

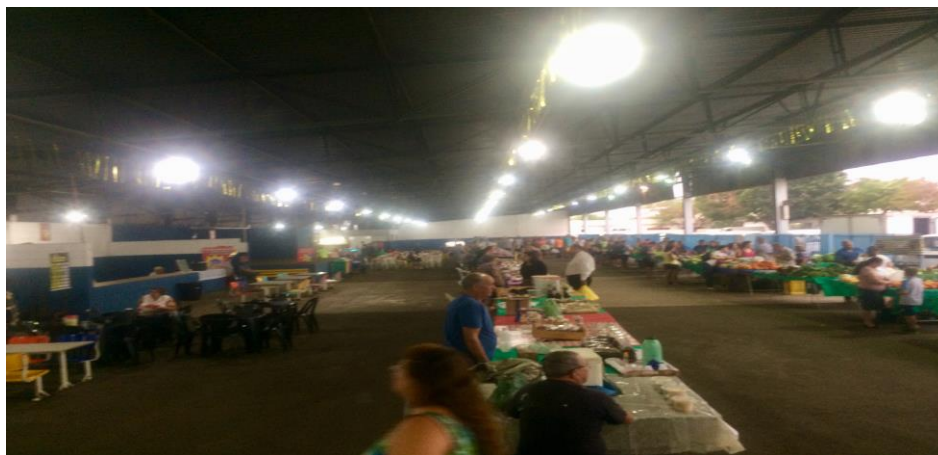


Foto 2: Interior da Feira Corujão. Fonte: Matheus Pinto da Silva, 2019.

Como destacado por Luciano (2017) esta feira possui como um dos pilares a comercialização dos produtos disponibilizados pelos próprios produtores integrantes da feira. Dessa maneira, a feira apresenta o resultado do trabalho da família, seus parceiros, diaristas e funcionários a partir da relação com a terra.



Foto 3: Vegetais na Feira Corujão. Fonte: Matheus Pinto da Silva, 2019.

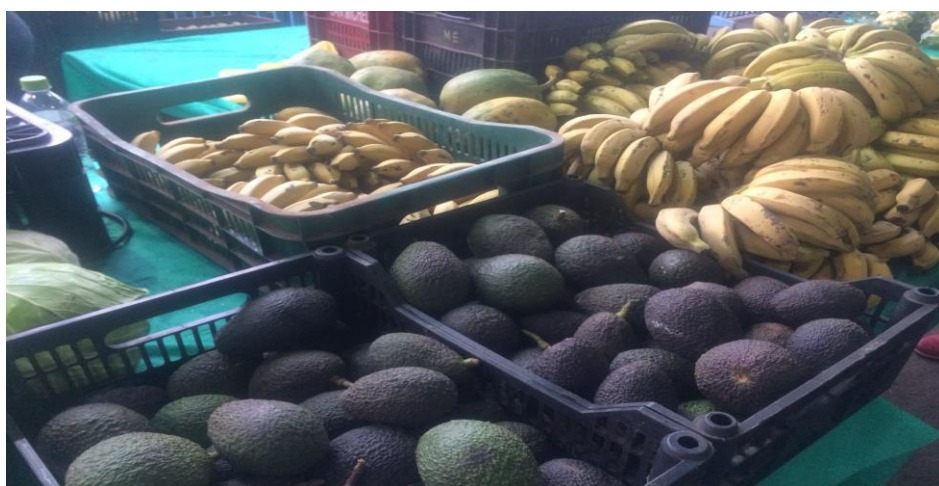


Foto 4: Frutas e legumes na Feira Corujão. Fonte: Matheus Pinto da Silva, 2019.

Alguns estandes exibem produtos artesanais, além dos demais produtos de origem vegetal.



Foto 5: Cosméticos artesanais na Feira Corujão. Fonte: Matheus Pinto da Silva, 2019.

Temos então, o exemplo de uma iniciativa de apoio aos produtores familiares da região, que repercute diretamente na comunidade em seu entorno, gerando empregos e consciência social, aproximando o produtor e o consumidor em um local de fácil acesso tanto financeiro quanto físico.

A Feira Corujão na Perspectiva da População Consumidora

Apresentamos a seguir os resultados obtidos a partir da análise das respostas aos questionários. Os nomes dos entrevistados serão indicados apenas pela letra P, seguida de um número, preservando suas identidades.

A primeira questão buscou entender a compreensão do entrevistado sobre a ideia agricultura rural sustentável. Contava com duas alternativas, sendo sim ou não, e caso o entrevistado assinalasse que sim, solicitava-se uma breve descrição a respeito.

Dos 20 entrevistados, 16 responderam que sim, que sabiam o que é desenvolvimento rural sustentável, e apenas quatro responderam que não sabiam do que se tratava o termo.

Essa questão deve ser discutida com atenção, pois se trata de uma pergunta simples à primeira vista, mas que não o é quando se analisa o significado do termo segundo os marcos teóricos utilizados nesta pesquisa.

Neste trabalho será adotada a caracterização sobre a agricultura rural sustentável segundo os referenciais teóricos adotados neste estudo.

Não buscávamos a resposta correta e sim o entendimento do participante sobre o assunto. Assim sendo, é possível que uma pessoa mesmo não tendo acesso a tais referenciais teóricos possa desenvolver uma ideia acerca do que foi questionado.

Dessa forma salientamos que as noções apresentadas acerca do que vem a ser agricultura rural sustentável foram respeitadas, pois, como já mencionado, este trabalho não teve a intenção de tomá-las como certas ou erradas, mas sim analisá-las de acordo com o referencial teórico adotado, que inclui autores como Sachs (1991), Denardi (2000) e Schmitt (1995), Schneider (2003) e Cristóvão; Tibério (2008).

Segundo esses autores a noção de agricultura sustentável está relacionada a um desenvolvimento econômico atrelado à manutenção e respeito das características culturais e sociais da comunidade rural, bem como a preservação ambiental do meio em que estas comunidades estão inseridas.

A maioria das respostas destoaram de alguma maneira da noção que adotamos destacando-se os seguintes exemplos:

“Utilizar a água da chuva” (P6)

“É uma família que vive dos produtos que plantam colhem e vendem o mesmo” (P2)

Uma parcela dos entrevistados compreende a agricultura rural sustentável como sendo a prática agrária onde o produtor comercializa seus produtos diretamente com o consumidor, sem que haja “intermediários” no processo, como indicam algumas respostas:

“O produtor participa de todas as etapas da produção até a venda do produto sem depender de atravessadores” (P17)

“Agricultor planta e vende seus próprios produtos” (P18)

“As vendas ocorrem diretamente do produtor para o consumidor final ‘sem intermediário’” (P10)

“São produtores que se sustentam vendendo diretamente, sem intermediários” (P3)

Uma outra parcela dos entrevistados compreende a agricultura rural sustentável como uma prática agrária que se preocupa com o meio ambiente. Esta percepção é completamente compreensível, dada a crescente preocupação quanto a crise socioambiental em que se insere o atualmente o nosso planeta. Algumas respostas apresentaram como compreensão da agricultura rural sustentável a ideia bastante presente em trabalhos de Educação Ambiental, referindo-se aos 3 R’s: Reduzir, Reciclar e Reutilizar.

“Economizar, reciclar, reaproveitar...” (P15)

“Na minha opinião, é usar tudo com responsabilidade e evitar desperdício, reaproveitar os alimentos, etc.” (P16)

“É a utilização dos recursos de forma consciente, preservando o meio ambiente do qual está se tirando esses recursos” (P1)

Essas duas compreensões acerca da agricultura rural sustentável, tanto a que afirma que se trata da comercialização direta dos produtos, sem “intermediários”, como a que indica ser uma produção que não afeta ou procura afetar o mínimo possível o meio ambiente, são as que mais se repetiram nas respostas apresentadas pelos consumidores que frequentam a Feira Corujão.

Entre os 16 entrevistados que assinalaram saber do que se trata uma agricultura rural sustentável, dois deles não discorreram sobre sua compreensão, e quatro assinalaram não saber do que se trata o termo em questão.

Como pode-se observar por meio das respostas dos participantes, o termo agricultura rural sustentável, apesar de se fazer presente, ainda pode ter compreensões distintas e algumas vezes equivocadas.

Dos 16 questionados que indicaram saber do que se trata a agricultura rural sustentável, três se aproximaram de sua definição teórica. Isso pode indicar que há uma ideia do significado do termo, visto que está inserido em diversos meios sociais e possui uma certa fama, muitas vezes difusa e utópica, mas que se faz presente de qualquer forma. Difícil é encontrar quem não tenha ouvido falar ao menos uma vez de desenvolvimento ou agricultura sustentável nos mais diversos meios de comunicação. Dentre as respostas que mais se aproximaram da definição referenciada neste trabalho destacamos as seguintes noções:

“Desenvolvimento que contemple os parâmetros social, econômico e ambiental dos consumidores residentes no campo” (P7)

“Socialmente e economicamente justo, ambientalmente saudável” (P9)

“É a prática de agricultura que não traça danos ao meio ambiente, estudando sempre o crescimento social, cultural e econômico” (P5)

Quanto a contribuição da Feira Corujão, parte das respostas, em suas justificativas, aponta para a acessibilidade que a Feira gera aos consumidores de produtos hortifrutigranjeiros, visto que os produtores se deslocam semanalmente até o local de funcionamento para disponibilizar suas mercadorias à comunidade local.

Os depoimentos a seguir evidenciam tal:

“Sem feiras teríamos que ir a lugares afastados ou ter a nossa própria horta” (P15)

“Sim, pois sem as feiras seria complicado acesso a hortas e plantações” (P16)

“Pelo espacial (mesma data, mesmo local, vários produtores) e pelo preço” (P4)

“Pois disponibiliza produtos e espaço para que pequenos produtores possam oferecer seus produtos” (P1)

Essas respostas representam o potencial que a Feira possui em atuar como ponte para o produtor rural, que muitas vezes está em áreas afastadas, e o consumidor urbano, que passa a ter o acesso facilitado a esses produtos, consequentemente aumentando as possibilidades de circulação do capital.

A maior parte das justificativas indica a feira livre como possibilidade de adquirir produtos mais baratos e de melhor qualidade, além da variedade, quando comparados com outros estabelecimentos, como pode-se perceber nas frases a seguir

“A feira tem uma localização de fácil acesso a toda a população, e o preço dos produtos são mais baratos, além de serem de maior qualidade.” (P13)

“A feira proporciona o acesso a uma maior variedade de alimentos, por um preço mais acessível.” (P14)

“Contribui, uma vez que sem a existência da feira, a outra opção seria pagar mais caro pelo mesmo produto no mercado.” (P11)

“Nos mercados e varejões, os produtos são de grande parte de grandes produtores que utilizam maquinários e adubos e agrotóxicos químicos.” (P17)

“Porque nos mercados dificilmente consigo encontrar produtos onde tenho confiança que são orgânicos.” (P19)

Fica implícita nessas respostas a possibilidade de alternativa saudável e econômica para a população, em que o supermercado mais próximo deixa de ser a única opção para os consumidores, que têm disponíveis uma maior variedade e qualidade de produtos frescos todas as terças e sextas-feiras, dias de funcionamento da Feira.

As respostas foram unânimes, destacando-se o acesso a produtos orgânicos, indicando que a feira contribui para um melhor acesso a esses produtos. Embora os consumidores considerem que a feira oferece essa oportunidade, não são todos os produtores que participam da feira que realizam uma produção efetivamente orgânica, ainda que alguns o façam.

O entendimento do Sr. A² quanto a contribuição da feira Corujão para o município de Rio Claro vai além da oferta de produtos, sendo também um espaço social, cultural.

Produtos frescos, preço bom, essa interação do homem do campo, porque é gostoso. Muita gente que vai lá na feira vai porque vai ver o amigo da família dele, ou o parente dele que vai vender na feira. Então essa interação acho que é bem válida, porque ela não custa dinheiro, mas ela tem um valor cultural pra nós, e (valor) social muito forte.

Uma outra questão se inseriu no presente trabalho com o intuito de investigar se há também interesse ambiental do consumidor que frequenta uma feira livre para adquirir seus produtos. Tem-se em mente que tais consumidores se dirigem as feiras livres, no caso deste estudo a Feira Corujão, por diversos motivos, entre os quais se destaca a busca de um mercado

² Denominamos Sr. A o participante da entrevista, o ex-integrante da Secretaria Municipal de Agricultura, da cidade de Rio Claro, SP.

alternativo em relação aos varejos tradicionais, ou supermercados. Essa alternativa pode se traduzir em questões sociais, culturais e ambientais, sendo essas últimas ligadas intimamente a maneira em que os produtos oferecidos são processados e chegam ao consumidor.

Visto que uma produção considerada familiar já se relaciona de forma diferente com o meio ambiente quando comparada a uma produção patronal de larga escala, o objetivo desta questão foi compreender se os consumidores buscam ou não, e porque, adquirir aquele produto que é descrito como orgânico, e se buscam ou não informações relacionadas aos produtos da feira.

Dos 20 consumidores entrevistados, 19 indicaram que suas famílias fazem uso de produtos orgânicos para consumo. Dentre os motivos listados por estes participantes, a qualidade superior desses produtos surge em diversos momentos, como nos comentários a seguir:

“Qualidade do produto” (P18)

“Qualidade de sabor.” (P12)

“Faço consumo pelo preço e qualidade dos produtos.” (P17)

Outro motivo recorrente dentre as respostas é a suposta ausência de agrotóxicos nos referidos produtos orgânicos, como nota-se nos seguintes comentários:

“Alface por exemplo, utilizo muito em minha casa o mesmo sem agrotóxicos, pelo sabor, o valor é um pouco acima do outro mas compensa na saúde.” (P16)

“Devido a qualidade do produto; não ter agrotóxico.” (P11)

“Optamos por estes produtos porque além de não conter substâncias tóxicas, possuem um sabor mais gostoso.” (P19)

“Principalmente pelo fato de não conter agrotóxicos e serem produtos mais frescos quando comparados aos que encontramos nos supermercados.” (P1)

Alguns consumidores ressaltaram as questões socioambientais envolvidas na participação ativa do desenvolvimento de culturas alternativas e mais ambientalmente amigáveis, como é o caso da agricultura familiar. Foram oferecidas justificativas como os que seguem:

“Os produtos orgânicos têm melhor qualidade de sabor, é uma forma de incentivar os pequenos produtores ao invés das grandes indústrias, e os preços condizem com a qualidade e procedência dos produtos.” (P13)

“Qualidade do alimento, quebra da lógica de mercado, estímulo à produção local, etc.” (P7)

“Então, partindo do ponto que acho que toda ação antrópica é prejudicial ao ecossistema, as atividades rurais orgânicas são uma forma mitigadora de afetar o meio.” (P20)

“Pela questão de saúde, pelo ambiente, pelo tipo de produção.” (P4)

“Por todas as questões envolvidas: ambientais, sociais e econômicas.” (P9)

Um dos consumidores, ainda, indicou que sua família não faz uso de produtos orgânicos para consumo, justificando a “falta de acesso” como fator preponderante.

Percebe-se pelas respostas que os consumidores consideram que os produtos classificados como orgânicos são superiores em qualidade aos de base convencional, além de mais amigáveis ao meio ambiente, principalmente por não terem agrotóxicos como um dos insumos de produção. São, também, de difícil acesso a maioria da população quando comparados aos produtos de base convencional.

Partindo da ideia de que a agricultura familiar se apresenta como um forte pilar para a construção da sustentabilidade, procurou-se investigar o interesse dos consumidores da feira em possuir fontes próprias de alimento, mais especificamente hortas caseiras.

Ao mesmo tempo em que os motivos para não se ter uma horta caseira são diversos, também o são os motivos para possuí-la. Em vias de compreensão desses motivos, foram listadas algumas possibilidades nessa questão, caso sua resposta fosse positiva, como: praticidade, gostar de ter produtos frescos para consumo, ser mais econômico possuir uma horta em casa, e outros motivos (os quais seriam apontados pelos participantes, caso houvesse necessidade e interesse).

Dos 20 participantes que responderam aos questionários, apenas quatro afirmaram possuir uma horta em casa, e um dos participantes, embora não possua manifestou o desejo de possuir essa fonte de produção no futuro:

“Não tenho por falta de espaço. Mas gostaria muito de ter” (P15)

Os quatro consumidores que indicaram possuir uma horta caseira assinalaram como principal motivo a maior facilidade e/ou praticidade na obtenção de produtos frescos para o consumo próprio. Outros motivos, como a praticidade, o fator econômico e o contato com a natureza também foram mencionados.

Os fatores envolvidos na elaboração ou não de uma horta caseira são diversos, principalmente ao se levar em consideração o contexto social e ambiental a que o sujeito, que pretende dar início a uma produção autônoma, está inserido.

Quando se trata do contexto do trabalhador urbano, visto que a feira está inserida em ambiente urbano, surgem percalços para essa iniciativa acontecer. Em nosso questionamento indicamos alguns percalços que foram indicados nas respostas dos participantes, como: impedimentos na construção de uma horta caseira, falta de espaço para a horta, falta de tempo para o manejo, falta de conhecimento para a realização do manejo, e outros motivos que poderiam ser apontados pelos participantes caso houvesse necessidade e interesse.

Entre os 16 participantes que afirmaram não possuir uma horta caseira, 14 assinalaram como principal motivo a falta de espaço para sua consolidação. O segundo motivo apontado, por dois participantes, seria a falta de tempo para a realização do manejo da horta. Um consumidor indicou como empecilho o fato de possuir animais domésticos que atrapalham no manejo e, no seu entender, “destroem tudo que plantam”.

Em complemento a pergunta anterior, perguntou-se aos participantes se achavam importante que as famílias pudessem cultivar o próprio alimento. Esperava-se com isso compreender melhor o fato de possuírem uma horta familiar ou não, de forma refletir sobre sua autonomia alimentar. A maioria dos respondentes indicaram achar importante que as famílias pudessem cultivar seus próprios alimentos para consumo. Um dos participantes não indicou nenhuma alternativa, e apenas um participante indicou a opção negativa em sua resposta.

Dentre as respostas positivas, o fator econômico foi a tônica em seis justificativas, tais como:

“Assim sua renda não iria para os empresários, e as famílias podia fazer melhor uso.” (P6)

“Pois o dinheiro que você gastaria comprando produtos industrializados, você tem a sua própria horta.” (P15)

“Porque economiza e melhora a nossa saúde.” (P16)

“Maior qualidade, menor custo.” (P10)

Algumas justificativas apontaram a importância de se obter conhecimento sobre os processos envolvidos na obtenção de alimentos, visando a autonomia, a saúde, e o contato com a natureza. Por exemplo:

“Acredito ser uma forma de conhecer os produtos, quais os processos até chegar na mesa da nossa casa para o consumo.” (P13)

“O cultivo de alimentos, além de ser uma prática mais saudável, permite um maior contato com a natureza.” (P14)

“Pela importância de conhecer todo o procedimento envolvido no ato da agricultura.” (P9)

“Ter produtos de cultivo próprio além da qualidade, a praticidade e a satisfação de consumir seu próprio alimento.” (P17)

Um dos consumidores apontou a questão da insustentabilidade do sistema econômico a qual a maior parte dos países do planeta está inserida atualmente, justificando que:

“O capitalismo e a produção em massa associada a ele são extremamente insustentáveis no planeta terra (ou em qualquer outro).” (P20)

No geral, aqueles que indicaram ser a favor do cultivo próprio de alimento pelas famílias justificaram suas respostas baseando-se na importância de conhecer os processos envolvidos na obtenção destes alimentos, na autonomia e na possível economia que essa prática pode proporcionar. Ainda que a maioria dos participantes ache importante que as famílias tenham seu próprio cultivo, são poucos que de fato o fazem, indicando uma autonomia alimentar ainda pequena entre aqueles que frequentam a Feira Corujão.

O único consumidor que apontou não achar importante que as famílias possam cultivar seus próprios alimentos para consumo, justificou da seguinte maneira sua escolha:

“Porque acho que iriam tirar a fonte de renda dos pequenos agricultores.” (P3)

Mesmo essa resposta aponta uma certa noção da importância que a agricultura familiar possui para os trabalhadores do campo, indicando uma preocupação com uma possível competição mercadológica caso as famílias passem a produzir seus próprios alimentos.

Quanto a compreensão dos participantes da pesquisa sobre a diferenciação de produtos orgânicos e produtos de base convencional, considerou-se importante entender a compreensão dos frequentadores da Feira do Corujão devido a importância da produção orgânica visando a sustentabilidade, a qual evita o uso de insumos, sejam eles fertilizantes ou pesticidas, químicos. Além destes, alguns outros critérios importantes caracterizam uma produção orgânica, como o manejo do solo estimulando atividade biológica natural, a rotação de culturas visando o controle de pragas, doenças e ervas, e uma atenção ao impacto ambiental deste sistema produtivo no

ambiente em que está inserido. Estes critérios são compilados e regulamentados no Brasil pela Lei Nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003.

A difusão da informação sobre os produtos e as produções orgânicas muitas vezes podem acarretar concepções errôneas ou incorretas do que vem a ser “orgânico” de fato quando se leva em consideração o escopo legal. Algumas dessas desinformações ou informações incompletas se fizeram presentes em algumas respostas dos questionados.

Dos 20 participantes, apenas dois responderam não saber o que diferencia um produto orgânico de um produto de base convencional. Das 18 respostas positivas à questão, as justificativas que mais se aproximaram dos critérios legais que permeiam a prática orgânica e seus produtos foram as seguintes:

“Os insumos utilizados, a organização do espaço de produção, os meios de distribuição, etc.” (P7)

“A não utilização de fertilizantes químicos e agrotóxicos. Outra diferença pode ser o tipo de produção, como agroecológico, ou de formas mais ambientalmente saudáveis.” (P4)

A maioria dos questionados justificou saber diferenciar um produto orgânico de um de base convencional utilizando como critério o não uso de produtos químicos, sejam eles fertilizantes ou agrotóxicos, como pode-se perceber nas seguintes respostas

“Na produção não se utiliza produtos químicos nem fertilizantes.” (P3)

“A principal diferença está no uso de agrotóxicos, fertilizantes, nos produtos orgânicos o uso é minimizado ou inexistente, e os produtos crescem de forma natural.” (P13)

“Os produtos orgânicos geralmente tem sua origem na agricultura familiar e evitam o uso de agrotóxicos e fertilizantes.” (P14)

“Sem agrotóxico.” (P12)

“O produto orgânico utiliza em sua produção menos fertilizantes e agrotóxicos.” (P10)

“Creio que sim. Um produto orgânico não faz uso de agrotóxicos durante seu desenvolvimento.” (P20)

“Com menos agrotóxicos.” (P8)

Tais justificativas são compreensíveis quando se leva em consideração que a informação mais difundida acerca dos alimentos orgânicos é que eles são produzidos sem o uso de insumos químicos. Tais afirmações não são errôneas, mas incompletas ao se tratar de produtos realmente

orgânicos, em que uma visão mais holística se faz necessária, envolvendo ainda os escopos ambiental, social, econômico e cultural dessas produções.

A Lei Federal no. 10.831, de 23 de dezembro de 2003, considera em seu art. 1º que:

sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente.

O alimento cuja produção não segue tais técnicas e critérios específicos seria então considerado como proveniente de uma base produtiva convencional.

Como já indicamos anteriormente não são todos os produtores que participam da feira que realizam uma produção efetivamente orgânica, ainda que alguns o façam. Independentemente desse fato, a Feira Corujão contribui para a concepção de ideias relacionadas a formas alternativas de subsistência, e levando-se em consideração a agricultura familiar e o desenvolvimento sustentável, os produtos orgânicos se inserem como ponto de discussão, visto que os entrevistados consideram que as feiras contribuem para maior acesso a esses produtos.

Buscou-se também entender se os consumidores participantes do estudo notam diferenças qualitativas entre os produtos orgânicos e os de base convencional. Como ponto de partida, indicamos no questionário algumas diferenças entre os produtos como: aroma, sabor, aparência, durabilidade. O participante poderia indicar outras qualidades ou ainda a opção “não noto diferença”.

Com essa questão buscou-se compreender se os consumidores perceberiam e indicariam a diferença pela opção do consumo de alimentos orgânicos, em termos práticos, independente de serem adquiridos na Feira Corujão.

Todos os participantes da pesquisa apontaram ao menos uma diferença na qualidade dos produtos orgânicos em relação aos de base convencional. O sabor pareceu ser o fator de maior importância na diferenciação desses produtos, visto que foi assinalado por 19 dos 20

consumidores, seguido pela durabilidade, a aparência e o aroma, sendo que oito assinalaram todas as opções como diferenciadoras.

Ainda com relação às diferenças entre produtos orgânicos e os de base convencional, uma das questões procurou entender se os consumidores julgavam os produtos de produção orgânica melhores ou piores que os de base convencional, usando seus próprios critérios e concepções. Além disso, deveriam exemplificar, com algum item hortifrutigranjeiro, no qual encontravam essa diferença em qualidade.

Todos os consumidores indicaram os produtos orgânicos como melhores que os de base convencional. Muitos motivos foram indicados como justificativa nas respostas obtidas, sendo o que mais se repetiu foi a ausência de insumos químicos na produção dos produtos classificados como orgânicos, como pode-se observar nas seguintes em frases

“Melhores pois não tem tantos agrotóxicos.” (P11)

“Produtos orgânicos são melhores. Porque não utilizam agrotóxicos em sua produção.” (P10)

“Com certeza menos venenos.” (P8)

“Melhores, pois são cultivados sem agrotóxicos, são limpos, saudáveis, e respeitam o meio ambiente. Exemplo: cenoura.” (P1)

Algumas justificativas foram além, apontando preocupações com o meio ambiente como a sustentabilidade e a preocupação ambiental da prática orgânica como fator diferenciador

“Sim. Além dos produtos orgânicos contribuírem com aspectos ambientais, sociais, culturais e econômicos, são benéficos a saúde.” (P5)

“Melhores, por serem mais benéficos ao ambiente e aos produtores, considero todos melhores.” (P9)

Quanto a importância no âmbito econômico da feira, ela pode ser vista como uma alternativa aos supermercados e varejos no momento da procura de produtos hortifrutigranjeiros. Assim sendo, os consumidores foram questionados acerca da diferença de preços entre os produtos desses dois locais.

Muitos fatores exercem influência sobre o comportamento do consumidor, mas neste caso optamos por questioná-los acerca da acessibilidade dos preços desses dois locais, que como observado anteriormente, apresentaram certa dualidade entre seus consumidores, quando questionados sobre a contribuição da Feira.

Dos 20 consumidores participantes do estudo, quatro assinalaram que os produtos oferecidos na feira são mais caros que os do supermercado de sua preferência. Doze participantes assinalaram os produtos da Feira Corujão como mais baratos. Três consumidores indicaram que o preço de cada lugar depende do produto que está sendo oferecido, como seguem as justificativas:

“Varia de produto, alguns são mais caros (cebola) outro bem mais baratos (cenoura, couve).” (P19)

“Na minha opinião, os preços variam.” (P16)

“Algumas coisas mais baratas, outras mais caras.” (P20)

Um consumidor participante indicou não notar diferença quanto aos preços do supermercado de sua preferência em relação a Feira Corujão.

O preço de um produto é determinado levando-se em consideração as despesas, sejam fixas ou variáveis, dessa produção. Impostos, investimentos em mão-de-obra, gastos com energia elétrica, água e outros insumos, aluguéis e transporte de mercadorias encaixam-se na categoria de despesas que precisam ser mitigadas para que o estabelecimento comercial não tenha prejuízo ao longo de seu funcionamento. Tais despesas devem ser consideradas tanto em se tratar dos produtores participantes das feiras livres quanto em se tratar dos supermercados e varejos.

Ao se tratar dos produtores que participam da Feira Corujão, temos alguns fatores que diferenciam o caminho dos produtos até o consumidor, visto que a maioria das bancas são gerenciadas por esses próprios produtores, que se inserem em uma produção familiar, o transporte e manejo da mercadoria muitas vezes fica a cargo desses mesmos atores, o que pode encarecer esse produto em seu destino final, a feira. A variação de preço é consequência não só da maneira como os produtos chegam a seus destinos, mas dos tipos de produtos e de suas durabilidades.

3. Entendendo o processo de formação da Feira

Com o intuito de melhor compreender as ideias por trás da elaboração de uma feira livre em Rio Claro, realizamos uma entrevista semiestruturada com o Sr. A, ex-integrante da Secretaria Municipal de Agricultura, da cidade de Rio Claro, (apêndice 2). A entrevista foi gravada e transcrita em sua íntegra, da qual foram selecionados excertos pertinentes a esta pesquisa para compor esta seção de resultados e discussão.

Segundo o Sr. A, que também já fez parte da comunidade rural Rio Clareense, a falta de oportunidades para o escoamento da produção, ou seja, a venda dos alimentos produzidos para geração de renda, era um problema recorrente aos produtores familiares da época, como segue o excerto da transcrição:

A gente via que o processo de Feira Livre em Rio Claro estava morrendo, né? Quando a gente entrou, eu vinha do campo, a gente morava na área rural e a gente sempre ouviu falar assim: produzir é fácil, o duro é vender.

Dessa forma, segundo o entrevistado, tendo em vista essa problemática, consideraram importante reestruturar as feiras livres, organizando o trabalho dos agricultores

Daí a gente falou logo no início [do mandato], vamos reestruturar as feiras livres de Rio Claro para que o agricultor tenha espaço para venda. Porque o agricultor pequeno não achava espaço no comércio, ainda mais sendo desorganizado.

Em 2003, o então governo instituiu uma iniciativa federal chamada Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Segundo o documento da Secretaria Especial do Desenvolvimento Social, do Ministério da Cidadania

o PAA compra alimentos produzidos pela agricultura familiar, com dispensa de licitação, e os destina às pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional e àquelas atendidas pela rede sócioassistencial, pelos equipamentos públicos de segurança alimentar e nutricional e pela rede pública e filantrópica de ensino. Além disso, o programa promove o abastecimento alimentar por meio de compras governamentais de alimentos; fortalece circuitos locais e regionais e redes de comercialização; valoriza a biodiversidade e a produção orgânica e agroecológica de alimentos; incentiva hábitos alimentares saudáveis e estimula o cooperativismo e o associativismo.

Esse programa representou uma oportunidade para estimular a produção e ampliar as possibilidades de venda, como salienta Sr. A

A história da nossa feira começa desde o nosso programa de governo em 2008, a gente propunha que tinha que estimular para atividade rural, as feiras livres, porque a gente via que para o pequeno produtor familiar, o problema era vender. Desde que nasci, que eu me conheço por gente, as pessoas falavam assim: produzir é fácil, o duro é comercializar. Então quando começa o governo nosso surge no governo federal o programa de compra de alimentos (PAA)* via o banco de alimentos e para merenda escolar.

Em Rio Claro, a produção familiar rural não atingia as metas de venda para o programa, o que levou a uma crescente preocupação com o setor rural e sua participação no programa, como

“Nós não tínhamos mais gente aqui no campo que sabia produzir além daqueles que já estavam produzindo e vendendo. Nós tínhamos uma demanda daí, então o que a gente fez: a gente precisou trabalhar o grupo para formalizar. [...] nós vimos que Rio Claro não tinha como fornecer para a merenda escolar.

Com essa preocupação, a divulgação do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) passa a ser foco da Secretaria de Agricultura de Rio Claro, e buscou-se organizar o trabalho conjunto de produtores do município, formando uma associação que culminou na formação de uma cooperativa

“Então conversamos, o pessoal topou ajudar para desenvolver a agricultura, ver o que a gente tinha de produto, o que a gente conseguiria produzir, e eles comprariam o excedente de outros locais. [...] Daí montou-se uma associação. Essa associação chegou a ter uns cento e pouco produtores no máximo. [...] Daí surgiu o novo passo: montarmos uma cooperativa.

Outra iniciativa importante foi a participação de agricultores de outras regiões e a constituição de um entreposto, o que permitiu ampliar a e diversificar as produções

O governo também tinha, dentro do Ministério do Desenvolvimento Agrário, os territórios. Então nós pensamos em entrar num território, nós fizemos um mapa até Caconde, onde o pessoal tinha cebola, café, e aqui a gente tinha outro produtos, e a gente pensou o seguinte: vamos montar um entreposto aqui em Rio Claro onde era o local onde hoje ocorre a feira, daí o caminhão vem com produtos, e o caminhão volta com produtos, então a gente estaria circulando sempre com o frete mais barato. Reunimos com o pessoal de Campinas e montamos mais outros dois pontos: Bauru e na região aqui de Atibaia.

Dessa forma, com a cooperativa é possível atingir as metas do PAA e ainda ter excedentes na produção. Surge então a ideia da formação da feira.

A cooperativa passa a atingir as metas planejadas pelo PAA, e não só isso, os produtores começam a acumular excedentes, ou seja, produtos que não eram vendidos ao programa. É então que surge a ideia de uma feira que servisse como local propício para o escoamento desta produção excedente.

Os produtores participantes da feira vêm de diversas localidades, as quais não se limitam apenas ao município de Rio Claro. Segundo o entrevistado, ao longo da existência da Feira Corujão, produtores de diversas cidades já participaram do espaço:

Eram 15 municípios (...) então vinha o pessoal de Conchal, de Araras, de Santa Cruz da Conceição, aqui de Ipeúna, Corumbataí, Cordeirópolis tinha vários, Santa Gertrudes...”

O espaço onde a feira ocorre atualmente, na Rua 3-A, Avenida M11, tem sua manutenção realizada pela Prefeitura de Rio Claro, mas o entrevistado, como destacado abaixo, aponta para o senso de cuidado e responsabilidade com o espaço utilizado pelos produtores, e como este era incentivado na época de sua participação na gestão, e que acredita permanecer até os dias atuais.

O que a gente pregava muito lá no grupo era assim: a gente vai ter o nicho, isso aqui nós temos que sentir que isso aqui é nosso, nós somos o povo, nós somos quem usufruí, então temos que pegar o lixo no final da feira, [...] porque era injusto largar todos os produtos no chão [...] então o pessoal tinha essa compreensão, acho que deve estar até hoje.

Fica claro o apreço do entrevistado para com a Feira Corujão, que surgiu de uma constante luta pela união dos produtores rurais da região. Com o objetivo comum de, eventualmente, alcançar uma sustentabilidade econômica, social e cultural desta classe trabalhadora, a feira atua como cenário e resultado dessa união.

4. Considerações finais

As feiras livres ao redor do país desempenham diversos papéis e possuem diversos significados no cotidiano daqueles que dela participam, sejam consumidores, produtores, ou mesmo transeuntes aleatórios. Centros de interação social, econômica e cultural, esses espaços possibilitam um contato direto entre aqueles que plantam e produzem e aqueles que buscam por determinado alimento.

Essa ponte realizada pela Feira Corujão todas as terças e sextas-feiras tem o potencial de resultar em uma aproximação dos habitantes das zonas rurais, aqueles que vivem nos entornos dos municípios, das pessoas que residem em núcleos urbanos, que sem espaços como esse, acabam optando por adquirir seus alimentos de supermercados e varejos, onde estes são dispostos em prateleiras, pesados, etiquetados e neutralizados em um espaço em que a troca de experiências se dá principalmente através de uma transação monetária.

Uma iniciativa como a da feira tem fundamental importância para o movimento da agricultura familiar da região de Rio Claro. Como apontado anteriormente, a feira abre espaço não só para produtores do município, bem como para outros vizinhos, e age como uma alternativa para o escoamento da produção dessas famílias. Uma soma na renda total desses

produtores que pode servir como ferramenta de manutenção dessas produções, de seus sítios ou chácaras e do bem-estar familiar daquela comunidade produtora.

Do ponto de vista dos consumidores, a feira pode surgir como uma alternativa ao supermercado ou varejo convencional, seja essa alternativa econômica, devido aos diferentes preços entre esses dois locais, ou socioambiental, ao contato direto com aquele ou aqueles que produziram o alimento que está sendo adquirido, permitindo um nível maior de autonomia alimentar por meio da compreensão da origem desse alimento.

É válido ainda ressaltar o contato que a feira possibilita entre o produtor do alimento e o consumidor daquele produto. Com esse contato, o trabalhador rural passa a ser personagem essencial e protagonista na produção, no manejo e na comercialização de seus produtos.

Percebe-se, pelo relato dos consumidores participantes deste estudo, uma clara discrepância entre o que se entende por alimentos orgânicos e o que se tem por definição, tanto em bibliografias quanto ao aspecto legal de comercialização. Há, ainda, um apego a ideia de que alimentos orgânicos são aqueles livres de agrotóxicos e insumos químicos.

De fato, a ausência de agrotóxicos e insumo químicos é parte de um arcabouço de quesitos que definem um alimento orgânico, mas não são os únicos. Ainda se faz necessária uma divulgação científica que seja eficaz em apresentar à população o real conceito por trás de um produto orgânico, ou seja, aquele que é fruto de uma produção que é sustentável ambientalmente, socialmente, economicamente e culturalmente.

Faz-se necessário ainda um caminho de duas vias, em que o consumidor entenda o que é um produto orgânico, e onde o produtor rural, aquele que expõe seus produtos para venda, seja transparente quanto ao tipo de manejo utilizado em sua propriedade.

O estudo permitiu perceber a importância atribuída pelos consumidores a feira como local de troca cultural, social e econômica com os produtores das áreas rurais de Rio Claro e região, bem como para aquisição de alimentos.

Ao traçarmos os primórdios do surgimento da feira na cidade de Rio Claro, podemos perceber a importância de programas governamentais que apoiem a prática da agricultura familiar, visto que foi o Programa de Aquisição de Alimentos, que incentivou os agricultores a trabalharem em conjunto, cooperando entre si para que sua produção atingisse a demanda, além dos esforços da administração, nesse período.

Somando-se a isso o importante papel da prefeitura de Rio Claro ao realizar a manutenção da sede da feira, revela-se o quão importante são as políticas públicas em uma sociedade, visando a subsistência e desenvolvimento não só de seus participantes, mas também da agricultura familiar do município como um todo.

Referências

- ALMEIDA, J. Da Ideologia do Progresso à idéia de desenvolvimento (rural) sustentável. **Revista Educação Agrícola Superior** v. 15, n. Especial, p. 51–85 , 1997.
- AMSTALDEN, L. F. F. **Os custos sócio-ambientais da modernização agrícola brasileira**. IFCH/UNICAMP, 1991.
- ASSIS, R. L. de. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia. **Economia Aplicada**, v. 10, n. 1, p. 75-89, 2006.
- COSTABEBER, J. A.; CAPORAL, F. R. **Possibilidades e alternativas do desenvolvimento rural sustentável. Agricultura familiar e desenvolvimento rural sustentável no Mercosul**. Santa Maria: Editora da UFSM/Pallotti, p. 157-194, 2003.
- CHAER, G.; DINIZ, R. R. P.; RIBEIRO, E. A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Revista Evidência** v. 7, n. 7, p. 251–266 , 2012.
- CRISTÓVÃO, A.; TIBÉRIO, M. L. “Comprar Fresco, Comprar Local”: será que temos algo a aprender com a experiência americana? **VII Colóquio Ibérico de Estudos Rurais** n. VII, p. 1–18 , 2008.
- DELGADO, G. da C. **Capital financeiro e agricultura no Brasil: 1965-1985**. São Paulo: Ícone: Campinas, UNICAMP. 1985.
- DENARDI, R. A. et al. **Fatores que afetam o desenvolvimento local em pequenos municípios do Paraná**. EMATER/Paraná: Curitiba. 2000.
- EHLERS, E. M.. **O que se entende por agricultura sustentável?**. 1994. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GONSALVES, E.P. **Iniciação à Pesquisa Científica**. Editora Alínea, 2007.
- GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo mundo rural brasileiro**. Série Pesquisas. Campinas: Unicamp, 2000. p. 151
- LUCIANO, W. R. **Agricultura familiar no contexto da Feira do Produtor Rural Feira Corujão no município de Rio Claro-SP**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual Paulista. 2017.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. **Em Aberto**, v. 5, n. 31, 2011.
- MATOS, P. F.; PESSOA, V. L. S. A Modernização Da Agricultura No Brasil E Os Novos Usos Do Território. **Geo UERJ** v. 2, n. 22, p. 290–322 , 2011.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo**, 2016. Notícias. Disponível em

<<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/o-que-%C3%A9-agricultura-familiar>>. Acesso em: 16 de maio de 2019.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA. **Secretaria Especial do Desenvolvimento Social**, 2019. Programa de Aquisição de Alimentos - PAA. Disponível em <<http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa>>. Acesso em: 21 de jun. de 2019.

MOREIRA, R. M.; CARMO, M. S. do. Agro-ecology toward sustainable rural development. **Agricultura em São Paulo**, v. 51, n. 2, p. 37, 2004.

OLIVEIRA, C. L. de. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. Travessias, v. 2, n. 3, 2008.

OLIVEIRA, R. B. G. de et al. A entrevista nas pesquisas qualitativas de enfermagem pediátrica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 2, p. 300-306, 2010.

OSTROM, M. Everyday Meanings of “Local Food”: Views from Home and Field. **Community Development**, v. 37, p. 65-78, 2006.

OTAVIANO, C. Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico Com Ciência/SBPC**. 2010. n. 120 , 2010.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SCHMITT, C. J. **Sociedade, natureza e desenvolvimento sustentável: uma abordagem preliminar**. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1995.

SCHNEIDER, S. Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** v. 18, n. 51, p. 99–121 , 2003.

SILVA, J. G. da. Agricultura sustentável: um novo paradigma ou um novo movimento social?. **Informações Econômicas-Governo do Estado de São Paulo Instituto de Economia Agrícola**, v. 25, p. 11-24, 1995.

VEIGA, J. E. da. Agricultura familiar e sustentabilidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 13, n. 3, p. 383-404, 1996.

Apêndice 1: Questionário Consumidores

1. .Você sabe o que é Desenvolvimento Rural Sustentável?

() SIM () NÃO

Se SIM, explique em poucas palavras, o que compreende.

2. Na sua opinião, a Feira dos Produtores Rurais contribui para melhor acesso a produtos orgânicos?

() SIM () NÃO

Por que?

3. Considerando produto orgânico aquele cuja produção não faz uso de fertilizantes químicos ou agrotóxicos e processos prejudiciais ao ecossistema, sua família faz uso de produtos orgânicos para consumo?

() SIM () NÃO

Se SIM, porque a escolha desses produtos (qualidade de sabor, preço, ou outros motivos)? Se NÃO, qual o motivo (falta de acesso, preço, ou outros)?

4. Você tem horta em sua casa?

() SIM () NÃO

Se SIM, assinale uma ou mais respostas para o porquê:

() Praticidade

() Gosto de ter produtos frescos para consumo

() É mais econômico possuir uma horta em casa

Outros motivos:

Se NÃO, assinale uma ou mais respostas para o porquê:

() Falta de espaço para a horta

() Falta de tempo para o manejo

() Falta de conhecimento para a realização do manejo

Outros motivos:

5. **Você acha importante que as famílias possam cultivar seus próprios alimentos para consumo?**

☐ SIM

☐ NÃO

Por que?

6. **Você sabe o que diferencia um produto orgânico de um produto de base convencional?**

☐ SIM

☐ NÃO

Se SIM, o que os diferencia?

7. **Você nota diferenças de qualidade entre os produtos orgânicos e de base convencional, como:**

☐ Aroma

☐ Sabor

☐ Aparência

☐ Durabilidade

☐ Outra(s) qualidade(s). Apontar:

☐ Não noto diferença

8. **Quanto aos preços dos produtos, os oferecidos pela Feira do Agricultor Rural são:**

☐ Mais baratos que os do supermercado de sua preferência

☐ Mais caros que os do supermercado de sua preferência

Apêndice 2: Roteiro preliminar da entrevista semiestruturada

1. De onde surgiu a ideia da criação de uma feira de produtores rurais?
2. Em que ano a feira foi inaugurada?
3. Como foi a recepção pelos produtores, comunidade e administração municipal?
4. Na feira só participam produtores do município de Rio Claro ou ela também abre espaço para produtores de municípios vizinhos?
5. O espaço físico é mantido por quem? (se não houver resposta pergunta secundária: prefeitura da cidade, ou há uma autogestão por parte dos participantes da feira?)
6. Quais os outros aspectos de infraestrutura da feira como: transporte, limpeza, bancas, energia elétrica, água, banheiros, etc.
7. Quais aspectos foram mais fáceis de implementar? E os mais difíceis?
8. Quais benefícios a feira dos produtores oferece: a) aos seus consumidores , b) aos produtores e c) a cidade de Rio Claro?
9. Quais as características dos produtores que participam da feira?
10. Como você avalia a contribuição da feira dos produtores para a agricultura familiar.

Discente: Matheus Pinto da Silva

Orientadora: Prof^a Dr^a Bernadete Benetti